

A atual crise do capitalismo

REINALDO A. CARCANHOLO*

*Crise capitalista: o capital acreditou ter encontrado
uma forma de produção de riqueza diferente
da que exige o uso do trabalho produtivo.
E deu no que deu.*

A partir da década de 1980, o capital e seus ideólogos, e entre eles também os economistas, passaram a acreditar terem encontrado, na prática, uma fórmula mágica para garantir a geração de riqueza econômica, sem necessidade de utilização do trabalho humano. Alguns chegam a pensar até que o capital terminará não mais necessitando da força de trabalho para produzir riqueza e excedente, de maneira a garantir a rentabilidade exigida pelo capital. O trabalho teria, portanto, perdido centralidade; a tecnologia, a informação e o domínio do conhecimento foram alçados à categoria de entes mágicos capazes de tudo e objetos de adoração. Finalmente, o capital não precisaria mais sujar as mãos na produção para se realizar como ser capaz de, por si mesmo, gerar lucros, lucros elevados.

E, de fato, o capital “financeiro”, de certa maneira, foi capaz dessa proeza. Do final da década de 1970 para cá, não só dominou o cenário capitalista, como superou os investimentos produtivos no que se refere à capacidade de *apropriação* de lucros.

O capital se lançou freneticamente na especulação e encontrou aí o remédio para a baixa rentabilidade que foi forçado a suportar durante a década de 1970.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo.

Assim, a especulação não foi um desvio do sistema, um defeito seu, mas uma tentativa de solução, um remédio para sua enfermidade estrutural: a tendência à queda da taxa de lucro.

Durante certo tempo, a mágica funcionou e houve uma real e significativa recuperação da taxa de rentabilidade do grande capital e os dados empíricos disponíveis são claros nesse sentido. Mas deu no que deu. A crise capitalista atual é o preço que se está pagando pelo período de orgia especulativa, e esse preço é e continuará sendo muito alto, embora seja pago sobretudo por aqueles que em nada se beneficiaram com ela.

O que assistimos atualmente no mundo capitalista é muito mais do que uma simples crise financeira, ou creditícia. Não é uma elementar crise cíclica, das que em algum tempo o sistema se recompõe e volta a funcionar normalmente. Não se trata do resultado de um período de desregulação do capital especulativo, em que alguns governos poderosos do mundo praticaram uma política irresponsável. Estamos diante de algo muito mais importante. Assistimos, na atualidade, ao início do processo de colapso de uma etapa específica do capitalismo. A crise financeira iniciada nos Estados Unidos, no setor imobiliário dos *subprime*, e a qual se estendeu a todo o sistema financeiro e ao setor da economia real, é só o princípio desse processo.

Classificar a crise atual como uma crise de sobreprodução ou sobreacumulação é praticamente não dizer nada. Se for efetivamente isso o que ocorre, quais são as causas desse fenômeno? Que razões existiram ou existem para que tenha ocorrido? Consideramos que o apelo à ideia do subconsumo, ao mesmo tempo que é muito fácil, não é mais do que o resultado de simples ingenuidade teórica, estranha à teoria dialética do valor.

Interpretação marxista e teoria do valor

Nossa análise e interpretação pretendem basear-se rigorosamente sobre a perspectiva marxista e explicitamente sobre sua teoria do valor. O que significa partir dessa perspectiva e dessa teoria?

Em primeiro lugar, significa distanciar-se daquelas interpretações que destacam como causa da crise o defeito de que padeceria o sistema de, em certos momentos, apresentar uma excessiva voracidade por parte de capitais, o que comprometeria o normal funcionamento do mercado. A esse defeito se somaria, para elas, uma política permissiva por parte dos governos ao não regular suficientemente os movimentos e a lógica desse capital especulativo e rentista. Isto é, partir daquela perspectiva significa recusar o voluntarismo estatal próprio de qualquer tipo de visão keynesiana.

Uma interpretação de tipo keynesiano padece de um defeito de tipo similar ao que é próprio do neoliberalismo; só que de sentido inverso. Enquanto este último apresenta uma fé cega no mercado, como se ele fosse capaz de tudo, o keynesianismo, no extremo oposto, joga toda sua convicção religiosa na capa-

cidade todo-poderosa do Estado. A perspectiva de Marx, ao contrário, sustenta não só a existência de contradições internas e inerentes à sociedade capitalista, como, ao mesmo tempo, que essas contradições se agravam com o tempo; que seu antagonismo inevitavelmente torna-se cada vez mais agudo. Assim, a intervenção do Estado, como instância contraditória, mas capaz de representar os interesses globais do capital, embora possa atenuar a intensidade e as consequências das crises para o capital, em especial em seus momentos mais agudos, não é suficientemente poderosa para evitar o processo de agravamento do antagonismo das contradições inerentes ao sistema.

Entender a atual crise de uma perspectiva realmente marxista pressupõe identificar as contradições presentes na atual etapa do capitalismo e, especialmente, destacar a contradição principal que explica o desenvolvimento dessa etapa. Para isso, não temos mais remédio do que nos valer da teoria dialética do valor, entendida não como uma simples teoria dos preços (o que não passa de um erro elementar),¹ mas como uma teoria da riqueza capitalista e, em sentido mais amplo, como uma teoria científica do funcionamento dessa sociedade. Exige também, e isso é fundamental, uma compreensão adequada da dialética dos conceitos de capital fictício e lucros fictícios,² conceitos esses que não são mais do que derivações necessárias da mencionada teoria do valor.

Uma questão central para entender o capitalismo em geral, do ponto de vista dessa teoria, é a contradição *produção x apropriação* de riqueza. E isso não só no que se refere à relação entre capital e trabalho, mas também em relação à redistribuição do excedente-valor (do qual a mais-valia é uma parte) entre os não trabalhadores e entre as diversas frações ou formas autonomizadas do capital. E é justamente isso que nos permite caracterizar a atual etapa capitalista como especulativa e parasitária, presidida pela insuficiente capacidade do capital produtivo de gerar o necessário excedente econômico real para atender às exigências de remuneração do chamado capital “financeiro” e do capital em seu conjunto. E isso apresenta não só consequências na relação intracapitalista, mas também na que existe entre o capital e o trabalho.

Uma interpretação sobre a atual etapa

Em mais de uma oportunidade, apresentamos nossa interpretação sobre a atual etapa do capitalismo.³ Em resumo, poderíamos dizer que ela surge como

1 Deste autor: Elementos básicos da teoria marxista do valor. 2005, Campinas, São Paulo. *Anais do 4º Colóquio Marx e Engels*, 2005.

2 Reinaldo Carcanholo e M. S. Sabadini. Capital fictício y ganancias ficticias. *Herramienta*, Buenos Aires, v.37, p.59-79, 2008.

3 Por exemplo, em “O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização” (versão preliminar). III Encontro Nacional de Economia Política da SEP, 1998, Niterói. *Anais do III Encontro Nacional de Economia Política da SEP*. Niterói: SEP, 1998, p.304-16. Também em R. Carcanholo e P. P. Nakatani. Capitalismo especulativo y alternativas para América Latina. *Herramienta*, Buenos Aires, v.35, p.27-51, 2007.

consequência da aguda manifestação da lei tendencial da queda da taxa geral de lucro, manifestação essa observada em especial nos principais países capitalistas do mundo a partir dos últimos anos da década de 1960, tendo perdurado durante todo os anos 70, e até 1982 mais ou menos.

Fugindo da baixa rentabilidade, os grandes capitais privilegiaram, em suas novas aplicações, o setor financeiro. O conseqüente processo especulativo que se acentuou no fim da década de 1970 foi favorecido pela quebra do acordo de Breton Woods⁴ em 1971 e pela política de endividamento externo seguida por diferentes países. Fortalece esse processo a elevação das taxas de juros internacionais determinada pela política norte-americana no início dos anos 80 e, mais para o fim, o fenômeno de “titulização” das dívidas de diferentes estados.

A partir dos primeiros anos da década de 1980, a taxa de lucro nos países mais importantes do capitalismo começa a se recuperar e o faz de maneira significativa. Como se explica esse fato se, como consideramos, o capital especulativo tendeu a crescer mais rapidamente que o produtivo? A verdade é que esse maior crescimento deveria ter reduzido ainda mais a rentabilidade do capital, ao privilegiar a expansão dos capitais que em nada contribuem para a produção de mais-valia. E assim, nossa tese de que a especulação teria surgido como saída ou remédio para a baixa rentabilidade do capital seria completamente fora de propósito.

Dois fenômenos, em conjunto, são suficientes para explicar a questão. Por um lado, com a política neoliberal já no início dos anos 80, cresceu em todo o mundo o grau de exploração do trabalho,⁵ via mais-valia absoluta e relativa, além da superexploração tanto do trabalho assalariado quanto do que não o é. A política neoliberal e a menor expansão do capital produtivo foram fatores que determinaram uma elevação do desemprego formal, facilitando o aumento da exploração. Por outro, e como fenômeno fundamental para entender a presente crise, atuaram fortemente os lucros fictícios como fator contrarrestante da tendência decrescente da taxa de lucro.

Esses lucros fictícios são, na verdade, importante fonte de aumento do volume do que chamamos de capital fictício do tipo II e surgem como resultado da valorização especulativa de todo tipo de ativos e do crescimento da dívida pública, especialmente daquela baseada em pagamento de juros de dívida anterior.⁶

Além disso, os gastos militares, além de constituírem outra importante fonte de rentabilidade para o capital, quando financiados com crescimento da dívida pública, convertem capital produtivo em capital fictício. Não só a mais-valia

4 Quebra da paridade dólar/ouro e fim da estabilidade das taxas de câmbio das principais moedas nacionais.

5 Tempos depois, a incorporação de novos espaços de forte exploração do trabalho ao mundo do capital (os casos dos países da ex-União Soviética e da China) também o fortaleceram.

6 Para mais detalhes sobre o conceito de lucros fictícios e de capital fictício do tipo II, cf. Reinaldo Carcanholo e M. S. Sabadini, *op. cit.*

obtida no setor que produz para esse tipo de gastos, mas também todo o capital constante e variável, portanto, o conjunto do valor produzido transforma-se de capital substantivo em capital fictício. A mais-valia transforma-se em lucros fictícios e, ao lado dessa criação de capital fictício novo, o restante do valor produzido converte-se também, como por mágica, em capital fictício de tipo II.⁷

Para poder entender corretamente a etapa especulativa e parasitária do capitalismo e o início de seu colapso, com o estouro da crise financeira, é indispensável considerar, então, a dialética do capital fictício e dos lucros fictícios. O fato é que, do ponto de vista do ato individual e isolado, isto é, da aparência, eles são reais e não ilusórios. Aparecem de fato como verdadeiros. Do ponto de vista da reprodução e da totalidade, ou ainda, na essência, eles são fictícios,⁸ pura fumaça.⁹

Claro que essa etapa capitalista não seria possível sem a mencionada elevação da exploração dos trabalhadores e essa é a consequência, para o trabalho, da disputa entre as diferentes formas autonomizadas do capital. No entanto, os lucros fictícios em magnitude crescente foram fundamentais. Com eles, a contradição produção/apropriação de excedente-valor podia ser solucionada em cada momento. Os lucros fictícios eram suficientemente elevados para, somados ao aumento da exploração do trabalho, garantir rentabilidade satisfatória para o capital. Mas esse mecanismo de solução apresentava um grave problema: resolvia o problema, mas, no momento seguinte, o crescimento adicional e consequente do capital fictício de tipo II agudizava a contradição. A solução de ontem agravava a dificuldade de hoje e, a de hoje, a de amanhã. Em algum momento haveria uma explosão dessa lógica e ela se iniciou exatamente com a crise imobiliária nos Estados Unidos.

A crise e a etapa especulativa

É por tal razão que a etapa especulativa e parasitária do capitalismo mundial, liderada por esse país, inevitavelmente tem data para desaparecer, embora não saibamos quando será e nem, muito menos, como se dará. A crise dos *subprime* e de todos os seus graves desdobramentos em todo o mundo, e a qual assustou a todos, não constitui senão o início do processo de colapso dessa etapa, que talvez seja mais longo do que podemos imaginar. A atual crise está simplesmente em suas manifestações preliminares.

É necessário entender que essa crise, iniciada há mais ou menos dois anos, tinha e tem por função destruir capital fictício e restabelecer não certo equilíbrio, mas certa proporcionalidade dele com o capital produtivo, de maneira a permitir um funcionamento mais ou menos articulado do sistema, com uma nova lógica.

7 Essa mágica é explicada em detalhes no trabalho do autor: *Crisis económica, la riqueza ficticia e los gastos militares. Anales del V Coloquio de la SEPLA*. São Paulo, junio de 2009.

8 Na verdade, mesmo na essência, de certa maneira eles são reais, pois têm o poder de exigir remuneração.

9 Como tais, em certas circunstâncias, desaparecem sem deixar rastros.

Para que pudesse cumprir inteiramente sua função, para chegar a garantir a mencionada proporcionalidade e pudesse se iniciar uma nova etapa capitalista, a crise deveria ter-se prolongado e deveria ser muito mais profunda do que foi até agora. A intervenção dos diferentes governos dos países mais importantes economicamente do mundo reduziu de maneira temporária sua profundidade.

À medida que esses governos ampliaram as condições de crédito, compraram títulos podres, compraram ações das empresas produtivas e financeiras em risco de quebra, retiraram das mãos dessas empresas aquele capital fictício que estava sendo desvalorizado ou que simplesmente se destruíra. Aquilo que já era fumaça, pura ficção, voltou a ser realidade, pelo menos parcialmente pela ação desses governos. Eles, apoiando-as, retiraram por um lado capital fictício do mercado, mas voltaram a recriá-lo, por outro, uma vez que esse apoio esteve baseado em crescimento da dívida pública.

É verdade que essa conversão parcial do capital fictício dessas empresas em nova dívida pública atenua em parte a contradição produção/apropriação (ou capital substantivo/capital especulativo), na medida que, ao impor certo grau de perda a elas, não transforma todo o capital fictício. Além disso, atenua também a contradição uma vez que o que se converte em dívida pública adicional, e que aparecerá diluída¹⁰ nas mãos de particulares, passa a exigir não mais do que o pagamento dos juros correspondentes.

Atenua, mas não resolve, pois o capital fictício sobrevive em grande medida. Isso significa que a verdadeira crise, capaz de substituir a atual lógica do capitalismo, prossegue e deve prosseguir por muito tempo.

Com isso, não se quer dizer que necessariamente, e por longos anos, observaremos sempre taxas de crescimento próximas de zero ou negativas. O mais provável é que, depois de alguns anos de profunda recessão, assistamos a um prolongado período de estagnação econômica, com crescimento que ora se recupera um pouco, ora se reduz drasticamente. Além disso, e ao mesmo tempo, assistiremos a crises financeiras recorrentes, com quebra de empresas de todos os tipos, inclusive e particularmente de empresas produtivas. O crescimento do desemprego e a escassez do trabalho é, obviamente, uma consequência inevitável.

Em contraposição, é possível também, em algum momento, uma grande e catastrófica crise financeira que ponha fim rapidamente à etapa especulativa e parasitária do capitalismo, mas isso não é o mais provável.

Desaparecerá o capitalismo?

Com o colapso da presente etapa, desaparecerá também o capitalismo da face da Terra? Lamentavelmente, o regime capitalista de produção poderá sobreviver à destruição dessa etapa e eventualmente se reconstruir sobre novas bases.

¹⁰ Sai das mãos das empresas em quebra e se distribui entre aqueles investidores que comprarem os novos títulos públicos, em parte até financiados pelos créditos ampliados pela política econômica.

É insensato acreditar que, como consequência natural da presente crise, o capitalismo venha a desmoronar e a desaparecer como um castelo de cartas. Com certeza, a humanidade ainda padecerá os males do capitalismo por mais ou menos tempo. Pior do que isso, padecerá os males normais do regime capitalista de produção e, além do mais, aqueles derivados de sua senilidade e, em algum momento, os de seu ocaso.

Que condições são necessárias para a sobrevivência desse sistema econômico e social? Se recordarmos que o problema estrutural na base de tudo é a tendência decrescente da taxa de lucro e que essa tendência não encontra real, só temporária, contestação por meio dos lucros fictícios, temos a resposta. O capitalismo só poderá sobreviver, com nova roupagem, sobre a base de um grau ainda maior de superexploração do trabalho.

O possível longo período de colapso da atual etapa, marcado pelo incremento do desemprego, da fragilidade do trabalho e da “marginalização”¹¹ do trabalho não salarial, somado ao fato de que uma nova etapa do capitalismo só será possível sobre a base de uma ulterior elevação da exploração, implica que o capital já não tem mais nada a oferecer à humanidade, se é que algo de positivo ofereceu nas últimas décadas.

A verdade é que vivemos em um regime que significa uma verdadeira tragédia para importante porção da humanidade, ao lado da pobreza para grande parte do restante. O período do colapso da atual etapa e o futuro do capitalismo só aumentarão a tragédia. Acreditar no retorno de um capitalismo capaz de crescimento sustentável e até de concessões aos trabalhadores é crer em ilusões; divulgar ideias nesse sentido é disseminar falsas esperanças. A perspectiva reformista produz um grande dano político. O capitalismo de amanhã só poderá ser pior do que o de hoje.

Em nossos dias, para a humanidade, o capitalismo teoricamente está morto, é necessário matá-lo historicamente. E isso será muito difícil, mas não impossível. A revolução socialista é a única esperança.

11 O trabalho não assalariado considerado marginalizado no sistema, amplamente presente nos países mais pobres, constitui, na verdade, trabalho produtivo e contribui para a elevação do lucro do capital mundial. Sobre o tema do trabalho produtivo, cf. do autor: *Capitalismo contemporâneo e trabalho produtivo*. *Revista de Economia*, Curitiba, v. especial, p.205-21, 2008.

